

Avaliação emancipatória: um estudo de caso

Tairine Duarte Dias¹ e Denise Grosso da Fonseca²

¹Estudante do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEF/UFRGS. Bolsista de Iniciação Científica do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFRGS). E-mail: tairine_dias@live.com.

²Docente do Curso de Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: dgf.ez@terra.com.br.

INTRODUÇÃO

Avaliar é uma das tarefas mais complexas para o ser humano. A avaliação no âmbito escolar tem passado por mudanças históricas desde uma visão tradicional até perspectivas de caráter mais formativo e emancipatório. A avaliação tradicional é identificada com princípios quantitativos, classificatórios, punitivos, seletivos e excludentes. A avaliação formativa se sustenta em princípios qualitativos e mediadores da aprendizagem do aluno e do ensino do professor, entendidos como processos complementares. A concepção emancipatória busca a dimensão político-pedagógica, com o propósito de mobilizar o senso crítico do aluno e da escola, tendo em vista a emancipação individual e coletiva (FONSECA, 2015).

A perspectiva emancipatória tem mobilizado políticas públicas educacionais, como é o caso do Estado do Rio Grande do Sul, que implantou a “Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio – 2011-2014” que enfatiza tal perspectiva de avaliação. Por ser uma proposta ainda recente muitos são os desafios para se aproximar a prática pedagógica do que é proposto nos documentos. Nesse contexto, o objetivo deste estudo foi compreender como os professores de EF percebem e praticam a avaliação a partir da perspectiva emancipatória.

PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa desenvolvida teve como campo de investigação escolas estaduais de diferentes regiões do Rio Grande do Sul, através de uma metodologia de natureza qualitativa cujas estratégias utilizadas foram observação, entrevista semiestruturada, análise documental e diários de campo. O presente estudo trará a análise de informações colhidas através de entrevistas semiestruturadas, em duas escolas estaduais de uma cidade da fronteira oeste do Estado. Os colaboradores foram seis professores de Educação Física e duas Supervisoras Pedagógicas das respectivas escolas, os quais estão identificados através de letras para preservar suas identidades. Os dados examinados evidenciam alguns olhares sobre o processo avaliativo os quais passaremos a debater.

ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

Ao serem questionados sobre como está a discussão sobre a avaliação emancipatória na escola, parece haver diferentes entendimentos e posicionamentos sobre essa concepção avaliativa.

O professor EP responde: “Acredito que caiu o padrão da avaliação, ela deveria ser mais rígida do que na realidade é e ficou muito fácil para o aluno. O aluno tem muitas chances, muitas facilidades, [...]”.

O professor MD diz: “eu acredito que a avaliação emancipatória tenha como princípio um maior envolvimento dos alunos no processo [...]. Eu acredito nesse acompanhamento dia-a-dia, da construção do conhecimento, da avaliação contínua, não só de uma prova ou de um trabalho [...]”.

O professor EP parece não ter bem clara a concepção da avaliação emancipatória, pois considera que desta maneira houve uma queda no padrão de avaliação e o que o verdadeiro conhecimento acaba por não ser bem avaliado tornando a vida do aluno mais fácil. Já o professor MD demonstra uma melhor compreensão e sua fala vai ao encontro da ideia de Ferreira (2013, p. 201) “A essência da mudança do paradigma da avaliação está no acompanhamento do processo de ensino, contínuo, participativo, diagnóstico e investigativo, singular – no tempo adequado de aprendizagem de cada um.”

Outro aspecto que aparece nas falas dos professores diz respeito a mudança da nota para conceito.

O professor MP diz: “eu faço a avaliação em notas. Na hora de passar para o boletim, no caso o caderno, aí a gente coloca conceito”.

A professora TD declara: “eu acho que se fosse a nota seria melhor porque um aluno que é 5 talvez seja o mesmo aluno hoje que é 10 e eu acho que não é isso que nós esperamos né..., eu acho que isso tá confuso nessa avaliação”.

A fala do professor MP deixa claro a utilização de uma avaliação quantitativa onde transforma a nota em conceito, o que na verdade não significa que tenha havido um processo qualitativo. As declarações dos dois professores nos levam a constatar que os mesmos continuam operando sob uma lógica quantitativa. Nesse sentido somos desafiados a refletir sobre a dificuldade que tem sido compreender o que significa avaliar qualitativamente e nesse sentido superar a prática da avaliação vista como a medida da quantidade de conteúdos aprendidos. Para Hoffmann (1998), avaliar qualitativamente pressupõe uma análise qualitativa das possibilidades dos educandos em relação a determinados conhecimentos. Também implica no acompanhamento à caminhada do aluno como forma de encontrar subsídios para o processo mediador.

CONCLUSÃO

As informações analisadas, até o momento, nos dão a entender que a visão dos professores transita sob diferentes concepções de avaliação parecendo não haver uma compreensão sobre a concepção avaliativa emancipatória, por parte da maioria dos interlocutores. Nesse contexto, como consequência, se evidencia uma enorme dificuldade em substituir a lógica quantitativa pela perspectiva qualitativa, onde a questão da nota ainda se faz fortemente presente no trabalho desenvolvido.